

**MIRIAM ADELMAN**

**A voz e a escuta**

**Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a  
sociologia contemporânea**

**2ª edição**

**2016**

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**

*Universidade Federal de Santa Catarina*  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar  
em Ciências Humanas

Florianópolis

Maio de 2004

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Miriam Pillar Grossi

Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Júlia S. Guivant

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências Humanas

Banca Examinadora

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Miriam Pillar Grossi, UFSC/SC (Presidente)

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Lygia Quartim de Moraes (UNICAMP/Campinas)

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Bila Sorj (UFRJ/RJ)

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luzinete Simões Minella (UFSC/SC)

Prof. Dr. Selvino Assman (UFSC/SC)

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Júlia S. Guivant, UFSC/SC (co-orientadora)

Suplentes:

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mara Lago (UFSC/SC)

Prof. Dr. Alberto Cupani (UFSC/SC)

**MIRIAM ADELMAN**

**A voz e a escuta**

**Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a  
sociologia contemporânea**

*A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea*

© 2016 Miriam Adelman

Editora Edgard Blücher Ltda.

1ª edição – 2009

2ª edição – 2016

Arte da capa: Milena Costa e Pedro Vieira

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
contato@blucher.com.br  
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 5. ed. do *Vocabulário  
Ortográfico da Língua Portuguesa*,  
Academia Brasileira de Letras, março  
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial  
por quaisquer meios sem autorização  
escrita da Editora.

---

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Adelman, Miriam

*A voz e a escuta: encontros e  
desencontros entre a teoria feminista  
e a sociologia contemporânea* [livro  
eletrônico] / Miriam Adelman. - 2. ed. -  
São Paulo : Blucher, 2016.  
246 p. ; PDF

Bibliografia

ISBN 978-85-8039-147-3 (e-book)

1. Ciências humanas 2. Feminismo  
3. Movimentos sociais 4. Relações de  
gênero I. Título

16-0335

CDD 305.42

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Feminismo: Teoria: Sociologia: 305.42  
2. Teoria feminista: Sociologia: 305.42

Dedico este livro a Glenna, Maya, Kira, Julia, Camilla e Sarah,  
mulheres e meninas de uma nova geração.





# Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Miriam Grossi, orientadora e amiga: este trabalho dependeu muito da nossa troca intelectual e da sua confiança em mim e não existiria sem o seu apoio, que antecede meu ingresso no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Aos meus colegas do Departamento de Ciências Sociais (DECISO) da Universidade Federal do Paraná – e a Angela Ferreira, Alfio Brandenburg, Dimas Floriani, Adriano Codato e Pedro Bodê, em particular – pelo apoio que me forneceram ao longo do meu processo de doutoramento.

A Marilene Gnoatto, secretária do DECISO, pela boa disposição com que ajuda a contornar os problemas do cotidiano acadêmico e pela amizade.

Às minhas amigas e colegas do Departamento de Antropologia da UFPR, Selma Baptista e Christine Chaves, pelo apoio e afeto.

Aos professores do Doutorado Interdisciplinar de Ciências Humanas da UFSC, pelas frutíferas discussões sobre teoria social contemporânea e clássica – em especial, aos Professores Oscar Saez, Alberto Cupani, Hector Leis e Selvino Assmann; à minha co-orientadora do Departamento de Sociologia Política da UFSC, Prof<sup>a</sup> Júlia Guivant; às professoras da Linha de Estudos de Gênero do Doutorado Interdisciplinar, Mara Lago e Luzinete Minella, e aos/às colegas da Linha, especialmente Adriano Nuernberg, Marlene Tamanini e Myriam Santin, pelas idéias e projetos compartilhados. Também a Angela Bertho, colega do DICH, pela amizade e hospitalidade nas idas a Florianópolis.

Às minhas colegas do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR Celsi Bronstrup, Ana Paula Vosne Martins, Regina Przybycien e Maria Rita César.

Aos meus alunos do curso de Ciências Sociais da UFPR, que ao longo desses anos foram talvez o maior estímulo para o meu trabalho: este trabalho é, antes de mais nada, para eles.

Aos bolsistas do PET/Ciências Sociais Júlia Alves, Karla Gobo, Ana Paula Carvalho, Eduardo Mara, Luiz Eduardo Silva e Silva, Lucas Máximo, Paulo Scarpa, Leonardo Campoy, Fabiane Baran, Aline Iubel, Júlio César G. da Silva, e Vânia Vaz, pelas longas discussões sobre os movimentos sociais dos anos 60 que enriqueceram minha pesquisa, pelo entusiasmo e empenho com que vêm desenvolvendo o trabalho no PET e pela confiança que depositaram em mim como tutora do grupo.

Aos meus orientandos mais recentes – Daniel Cardoso, Joaquim Moraes, Luiz Belmiro Teixeira, Sabrina Bandeira Lopes e Cybelle Cardozo – pela troca de idéias e pela grande amizade, que é também uma dimensão do nosso trabalho intelectual.

A Pedro Paulo Martins de Oliveira, pelas suas percepções críticas que, às vezes muito diferentes das minhas, sempre me fazem considerar novas possibilidades sociológicas e, principalmente, por ser tão maravilhoso e fiel amigo.

Ao Prof. Alain Touraine, pela gentileza de ter me concedido entrevista na ocasião do XV Congresso Mundial de Sociologia (ISA, Brisbane, Austrália, julho de 2002).

Às Professoras Bila Sorj (UFRJ), Lia Zanotta Machado (UnB) e Maria Lygia Quartim de Moraes (UNICAMP), que também me concederam entrevistas gravadas que foram importantes fontes de reflexão para a realização deste trabalho.

À Prof<sup>a</sup> Jane Flax, pelas sugestões bibliográficas e, principalmente, pela generosidade com a qual compartilhou seu conhecimento e sua visão comigo e com minhas colegas da UFSC e do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, por ocasião de sua participação no nosso evento, o *II Encontro de Estudos de Gênero: Corpo, Sujeito e Poder* (UFPR, Curitiba, outubro de 2001).

À Prof<sup>a</sup> Barrie Thorne, por ter tão gentilmente me enviado material bibliográfico que se tornou fundamental para meu trabalho.

A todas as minhas colegas da rede de publicações feministas e núcleos de estudos de gênero no Brasil, cujo apoio tomou as mais diversas formas e é uma referência fundamental para tudo o que eu faço.

Aos amigos e amigas de todas as horas, absolutamente essenciais para se manter a alegria da vida: José Eduardo Swako, João Rickli, Laura Garbini, Tatiana Savrasoff, Sabrina B. Lopes, Kátia T. P. da Silva, Vânia S. Vaz da Silva, Miriam Brunetta, Vanessa Lemos, João Bosco Horta Goiás, Gláucia Zuniga e Paulo Perna.

Às grandes amigas de “outros tempos e espaços” – tão importantes na minha história, pelos momentos de alegria e pelas muitas coisas sobre a vida que aprendi com elas, que continuaram comigo ao longo dos anos: Natasha Rungta, Susan Liguori, Lizbeth Padilla, Delia Cabrera, Nora Garro, Cristina González, Jyoti Ranadive e Katherine Hughes.

À Dr<sup>a</sup> Valentine Moghadam, que foi uma influência feminista fundamental na época que eu era aluna da pós-graduação em Sociologia da New York University, pelo conhecimento compartilhado e pela amizade.

A Sueli Fernandes, pela ajuda nessa árdua tarefa que é tentar compreender a mim mesma.

À minha família nos EUA: meu pai Norman; minhas irmãs, Nina, Deborah and Sharon, a minha mãe Gertrude (in memoriam), cuja confiança em mim foi fato fundamental que me preparou como mulher capaz de encarar as dificuldades da vida; e minha sobrinha Glenna, pelas conversas recentes.

À minha família no Brasil: Lu, por ter se tornado minha irmã; meus filhos Gabriel e Lucas, pelo amor indispensável e a compreensão constante; e sua irmãzinha Júlia. São eles os que mais me fazem lembrar – a cada dia – o valor e o prazer de estar aqui presente, neste mundo ainda cheio de possibilidades.





# Sumário

*Introdução, 11*

1. *Os anos 60: movimentos sociais, transformações culturais e mudanças de paradigmas, 23*  
Os anos 60: vozes de dissensão, 25  
Luzes na escuridão: o início da revolta nos anos 50, 29  
A Nova Esquerda, a contracultura e o “reencantamento da política”, 39
2. *“Novos sujeitos”, novos movimentos e a gênese de novas perspectivas teóricas, 69*
3. *Vozes diferentes: a emergência e a construção da teoria feminista contemporânea, 85*  
O gênero do cânone: a ruptura epistemológica a partir de Simone de Beauvoir, 85  
Vozes diferentes: a teoria feminista, as perspectivas pós-modernas e a “epistemologia das alteridades”, 95  
Mulheres pioneiras: as teóricas do “patriarcado capitalista” e sua geração, 103
4. *Teoria social e discursos sociológicos do “pós-68”, 127*  
A revolução que não ocorreu?, 132  
De Freud a Foucault e às feministas: críticas à noção do sujeito da razão, 135

Alguns teóricos da modernidade: Sennett, Giddens, Touraine e Habermas, 142

Richard Sennett: cidade, modernidade e as culturas do público e do privado, 143

Anthony Giddens: intimidades feministas, 152

Alain Touraine: um sujeito menos universal?, 165

Jurgen Habermas e a “colonização do mundo da vida”, 177

## 5. *Reformulando narrativas, 181*

Gênero, sociedade, modernidade, 183

As mulheres e os “outros outros”: modernidades múltiplas?, 198

Feminismo e pós-colonialidade, 208

## *Conclusões: ampliando o cânone: políticas e estratégias, 219*

Contenção, 219

Disciplinaridade, 221

Estratégias, 225

## *Referências bibliográficas, 229*



## Introdução

Esta tese de doutorado é o ponto de chegada de uma longa caminhada. Se bem que, de certa forma, todos os trabalhos desse tipo provavelmente devem sê-lo (pois, de uma forma ou outra, os temas e projetos de tese dizem respeito à subjetividade e às escolhas de vida dos seus autores e autoras), acredito que o trabalho que aqui apresento pertence a uma categoria um pouco diferente daqueles que têm sua origem na necessidade mais pontual de finalizar um curso de doutorado. Não apenas porque é fruto do que veio a ser meu terceiro projeto de tese, elaborado a uns bons anos e milhares de quilômetros de distância do primeiro, mas também porque, ao tê-lo escrito num momento da maior maturidade na minha própria vida intelectual, ele vem a expressar de maneira particularmente “íntima” todos os passos dados – e todas as surpresas encontradas – nessa não tão curta trajetória.

Hoje, elejo como início dessa história um momento distante que talvez marque o começo de minhas viagens pelo mundo das sociedades, das culturas e das teorias que construímos para tentar explicá-las. Em 1975, eu ainda era uma jovem norte-americana ingênua e sem rumo profissional, mas com certeza inspirada pelo espírito irrequieto e pela “ansiedade de estrada” da geração *anos 60* e pelas convicções de meus pais – judeus, ex-comunistas e, a vida toda, militantes da “Velha Esquerda”; em tempos mais recentes, dos movimentos pelos direitos civis dos negros e contra a guerra no Vietnã. No entanto, como outras jovens da minha geração, eu sentia – ainda de forma mais intuitiva do que intelectualmente construída – a necessidade de formular minhas próprias perguntas sobre a existência e também correr “meus próprios riscos”. Assim, numa conjuntura de mudanças na minha vida familiar, eu procurei a estrada: num belo dia de verão, com o dinheiro que tinha ganhado ao trabalhar como ajudante num programa de ensino fundamental

bilíngüe em Milwaukee, Wisconsin, minha cidade natal, eu e uma de minhas irmãs mais novas pegamos um ônibus que atravessaria o país rumo à fronteira sul, ao México.

O que inicialmente pretendia ser uma estada de pouco mais de um mês tornou-se toda uma vida: nove anos, nos quais concluí o curso de Sociologia da Universidade Nacional do México (UNAM) e iniciei-me na aprendizagem da tradução (a lingüística, a cultural) e na teoria e prática do feminismo. Acredito que minha identificação com esses três projetos – a sociologia, o feminismo e a “tradução cultural” – tenha sido, desde os primeiros encontros, bastante forte e profunda; até hoje, sinto também uma gratidão imensa pelos rumos “do destino” que me colocaram frente a esses desafios particulares, e com certeza, a todas as pessoas que me mostraram as trilhas que se abriam nessa direção.

Em 1984, defendi minha monografia para obter o título de bacharel em Sociologia na UNAM: um trabalho teórico sobre a família, que representava minha própria necessidade, naquele momento, de fazer uma revisão da literatura existente a fim de entender essa “instituição social” tão problematizada pelo feminismo e pela contracultura – mas também, de entender a mim mesma e a minha própria história familiar. Ao fazê-lo, fui estabelecendo com mais clareza minhas primeiras identificações intelectuais, bastante ecléticas por sinal: desde a Escola de Frankfurt e os “freudomarxistas”, à antipsiquiatria de Laing e Cooper, ao pensamento de Foucault e a uma literatura feminista ainda pouca conhecida no curso de graduação que eu estava concluindo. Lembro-me ainda de ter desfrutado de muitas leituras de história social, por meio das quais busquei entender os processos que levaram à criação da “família nuclear burguesa” como ideologia e instituição<sup>1</sup> e alguns trabalhos etnográficos da antropologia da família que problematizavam exatamente esse modelo, com sua homogeneização de práticas e arranjos sociais na verdade muito mais diversos. Evidentemente, já se tratava de uma monografia bastante “interdisciplinar” e também “contra a corrente” que predominava no curso de Sociologia da UNAM – ou, pelo menos, bem pouco ortodoxa<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Entre outros, o trabalho das teóricas feministas inglesas Michèle Barrett e Mary McIntosh, *The anti-social family* (1982) foi um dos primeiros a me alertar para o caráter duplo e contraditório de se viver e pensar “a família” na modernidade.

<sup>2</sup> Recordo inclusive que uma das pessoas indicadas para a banca, cuja área era sociologia da família, recusou o convite por “não poder concordar” com minha perspectiva, que lhe parecia herética demais.

De fato, no final dos anos 70 e início dos anos 80 (época da revista feminista mexicana *FEM*<sup>3</sup> e de vigorosa atividade feminista fora da Universidade), as autoras feministas não apareciam nos programas das disciplinas do curso de sociologia da UNAM, como também não havia nenhuma disciplina específica sobre as mulheres e as relações de gênero<sup>4</sup>. Meu contato com o feminismo tinha sido através do ativismo, inicialmente através da minha participação num “pequeno grupo” recomendado por uma amiga que tinha uma irmã feminista. Foi através de nossas leituras e discussões coletivas – que sempre somavam nossas experiências pessoais à teoria – que tive acesso à literatura que deu novo rumo à minha vida. Fazia muito sentido: ela se engajava com minha vida pessoal e com as preocupações teóricas que vinha desenvolvendo em meus estudos. Por outro lado, foi também meu primeiro “desencontro” com o cânone sociológico.

Em 1985, voltei aos EUA, dessa vez para o complexo e fascinante “multiculturalismo” de Nova Iorque<sup>5</sup> e para as bibliotecas e livrarias onde o acesso aos debates feministas era muito mais fácil. No departamento de Sociologia da New York University (NYU), o impacto dos estudos de gênero era visível naquela época: havia disciplinas na graduação e na pós-graduação sobre gênero e sexualidade e, nos livros didáticos utilizados para introduzir os alunos de graduação na temática sociológica, sempre constava um longo capítulo sobre “sexo e gênero”. Como bolsista da pós-graduação, comecei a dar aula para os alunos de graduação. Uma vez que na NYU todos os professores elaboravam seus próprios programas para as disciplinas que assumiam, foi ali que tive minha primeira oportunidade de ensaiar uma forma de “representar o campo”:

---

<sup>3</sup> Precursora das atuais *La Ventana e Debate Feminista*, revistas feministas acadêmicas de primeiríssima qualidade, que divulgam trabalhos de teoria feminista e estudos de gênero de autores mexicanos e estrangeiros.

<sup>4</sup> Tive o prazer de organizar uma das primeiras tentativas nesse sentido, junto com a escritora Marta Lamas e a antropóloga Mary Goldsmith, que levou o nome de “Sociologia da la Mujer”. É importante também assinalar que a situação foi rapidamente modificada, por meio dos esforços das acadêmicas feministas em muitas instituições do país. Desde 1992 funciona na UNAM o *Programa Universitario de Estudios de Género*, centro de pesquisa interdisciplinar da área de Humanidades que tem como um de seus principais objetivos “a revisão crítica de paradigmas acadêmicos” (cf. a página [www.pueg.unam.mx/](http://www.pueg.unam.mx/)).

<sup>5</sup> Stuart Hall, em “A questão multicultural” (2003), alerta sobre os múltiplos usos e abusos do termo. Considero muito atinado o uso crítico que ele faz do conceito, o qual, segundo ele, tem uma utilidade principalmente quando empregado “sob rasura” (p. 51) e enfatizando o espaço e reconhecimento cultural e político conquistados por grupos subalternos no interior de sociedades com uma profunda história de racismo e colonialismo.

ministrei as disciplinas de Introdução à Sociologia, Sociologia das Relações de Gênero e Sociologia da Família. Embora a maior parte dos professores do departamento de Sociologia dialogasse pouco com a teoria feminista e ainda menos com a teoria feminista de autoras que não eram “sociólogas”, pude mergulhar numa literatura mais “sociológica” sobre gênero com a Prof<sup>a</sup> Kathleen Gerson; estudar movimento feminista com o Prof. James Jasper, especialista na área de movimentos sociais; e ter a imensa sorte de freqüentar as aulas da socióloga feminista de origem iraniana Valentine Moghadam, que durante vários anos foi professora visitante daquele departamento. Sua generosidade para com suas alunas, sua visão global das questões feministas e seu profundo compromisso com a “causa das mulheres” foram realmente um importante estímulo para minha decisão de continuar atuando principalmente na área de estudos de gênero ou *women’s studies*. Por outro lado, a presença muito visível da perspectiva feminista nos debates públicos da época, dentro e fora da academia, facilitaram minha nova tentativa de aprofundamento teórico.

Porém, a vida novamente deu uma volta inesperada. Eu tinha acabado de realizar o exame de qualificação do programa de doutorado da NYU; era mãe de uma criança pequena; e começava a encarar o desafio de elaborar um projeto de tese, quando – por meio de negociações da vida familiar – mudei-me para o Brasil. Em 1992, já morando em Curitiba, enquanto iniciava pesquisa de campo sobre relações de poder no casamento, surgiu a oportunidade de participar de concurso público para uma vaga na área de Sociologia do Trabalho na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi assim que nesse ano tornei-me professora de sociologia numa universidade pública brasileira – onde logo vim a perceber que, embora houvesse uma rede muito vigorosa de núcleos de estudos de gênero nas instituições federais de ensino superior do país, a discussão sobre gênero estava quase totalmente ausente do nosso curso de Ciências Sociais. As autoras feministas e sua contribuição à sociologia e à teoria social contemporânea eram questão desconhecida e, quando uma ou outra aluna tentava realizar monografia sobre “a mulher”, como em alguns trabalhos de anos anteriores aos quais cheguei a ter acesso, a orientação teórica geralmente as conduzia – de forma não pouco anacrônica – para as obras do marxismo clássico.

Inicialmente fiquei muito perplexa, pois sabia, desde a época em que vivi no México, que a teoria feminista e os estudos de gênero já gozavam de um certo espaço dentro da academia brasileira. Havia várias revistas feministas e não faltavam estudos cuja temática era o gênero ou as mulheres. Nas minhas leituras, conheci a produção recente de antropólogas feministas, assim como de sociólogas que trabalhavam no centro de pesquisa da Fundação Carlos Cha-

gas. No entanto, no meu trabalho na UFPR, eu continuava sem interlocutoras locais. Felizmente, essa situação começou a mudar quando, num encontro regional da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em Curitiba, conheci a Prof<sup>a</sup> Miriam Grossi, assim como outras colegas que me falaram sobre os núcleos existentes em outras universidades e me convidaram a conhecer sua produção e funcionamento. A partir daí, decidi me dedicar à procura de “aliadas” na UFPR, pois tinha de haver professoras com interesse na temática em outros departamentos do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes (SCHLA) da universidade onde eu trabalhava.

Finalmente, em 1994, consegui – ao lado das Profas. Ana Paula Vosne Martins, do Departamento de História, e Celsi Bronstrup, do Departamento de Comunicação Social – dar existência ao Núcleo de Estudos de Gênero do Departamento de Ciências Sociais da UFPR. Um pouco mais tarde, num momento crítico para as longas jornadas que o seguiram, o núcleo – que também contava com o apoio de algumas colegas dos setores de Educação e Saúde – foi incorporado institucionalmente ao SCHLA. Logo pusemos mãos à obra: começamos com a organização de seminários e discussões teóricas de obras feministas, que sempre atraíam um público razoável de professoras e alunas dos diversos departamentos do setor e culminaram na organização do I Encontro Paranaense de Estudos de Gênero, em 1998.<sup>6</sup>

Já dentro do curso de Ciências Sociais, passei a ofertar Relações de Gênero como disciplina optativa e realizei minhas primeiras orientações a alunas de graduação, que pesquisaram temáticas como casamento e maternidade e a operação de padrões de beleza no mercado de trabalho feminino. Tive ainda, ao ministrar Sociologia I (que na época era o primeiro de quatro semestres da disciplina obrigatória básica da área) para os alunos de Ciências Sociais, a oportunidade de tentar problematizar a exclusão da perspectiva feminina na obra dos clássicos. Em outra ocasião, ao assumir a disciplina de Sociologia Geral no curso de Enfermagem, tentei desenvolver um programa que incluísse debates feministas sobre corpo, sexualidade e o “gênero da medicina”.

Paralelamente, com as colegas do Núcleo de Estudos de Gênero, buscávamos formas de inserir nossas discussões nas disciplinas e currículos dos

---

<sup>6</sup> Esse evento teve como palestrantes a Prof<sup>a</sup> Guacira Lopes Louro, a escritora e psicanalista Maria Rita Kehl, a antropóloga feminista norte-americana Susan Paulsen e o sociólogo norte-americano Don Sabo, resultando na publicação da coletânea *Gênero plural: Um debate multidisciplinar* (Miriam Adelman e Celsi Bronstrup Silvestrin, orgs., Curitiba, Editora da UFPR, 2002).

diversos cursos nos quais atuávamos. No entanto, eu ainda sentia resistência quando tentava discutir, com professores e professoras do departamento de Ciências Sociais, a necessidade de se fazer um lugar para a perspectiva feminista no currículo do Curso. O gênero era aceito como “área específica”, mas ficava claro para mim que, ao lidar com a questão dessa forma, ninguém considerava necessário conhecer nossas autoras. Nesse sentido, minha frustração tendia a crescer, pois o descaso dos professores parecia se espelhar no pouco interesse da maioria dos alunos pelas questões que, para mim, tinham comprovada legitimidade e importância “global”. Apesar de tudo, eu continuava com minhas pesquisas – havia começado um trabalho sobre mulheres atletas e a corporalidade feminina – e, nas idas a congressos como o da ABA e da AN-POCS, tinha sempre o prazer de trocar idéias com pessoas envolvidas com os estudos de gênero.

Em 1999, durante um seminário sobre masculinidades organizado pelo Instituto de Medicina Social da UERJ, pude conversar novamente com a Prof<sup>ª</sup> Miriam Grossi, que me sugeriu continuar meu muito adiado doutorado num dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde ela trabalhava. Assim, ingressei em 2000 no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH) da UFSC, que já contava com uma linha de pesquisa específica sobre gênero e sociedade. No mesmo ano, ministrei pela segunda vez a disciplina de Sociologia Contemporânea aos alunos de Ciências Sociais da UFPR, voltando a incorporar as discussões sobre gênero e feminismo a partir da leitura de partes selecionadas do primeiro volume do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, assim como do artigo de Gayle Rubin (1975), *O tráfico de mulheres: Notas para uma economia política do sexo*. Dessa vez, pude notar que essas discussões despertavam mais interesse entre alunas e alunos do que antes, fato que me reanimou bastante. Em torno da mesma época, li um artigo da filósofa feminista norte-americana Susan Bordo, “A feminista como o Outro”, o qual traduzi posteriormente para a *Revista de Estudos Feministas*. Esse artigo oferecia uma discussão que me parecia descrever perfeitamente meus próprios desencontros, como feminista na academia, levando-me a refletir muito mais sobre novas estratégias para incorporar a perspectiva feminista dentro do curso de Ciências Sociais.

Por sua vez, minha inserção no DICH também passou a ser um novo e significativo elemento de apoio e reflexão sobre todas essas questões. Com as/os colegas da Linha de Estudos de Gênero, as discussões gerais sobre o lugar da teoria feminista e os estudos de gênero na teoria social contemporânea continuavam, assim como aquelas que diziam respeito à relação da nossa linha



de pesquisa e estudo com as outras linhas e com o currículo do programa de pós-graduação. Esse trabalho foi tremendamente frutífero para mim e estou certa de que o foi também para seus/suas demais participantes – que incluíam estudantes dos programas de pós-graduação em antropologia e sociologia da UFSC.

Foi nessa conjuntura que a Prof<sup>ra</sup> Miriam Grossi, minha orientadora, sugeriu uma mudança de rumo no meu trabalho: por que não desenvolver uma tese que tratasse justamente da questão dos encontros e desencontros da teoria feminista com a sociologia e – para fazer as devidas conexões transdisciplinares – com a teoria social contemporânea? Apesar de estar consciente do maior grau de dificuldade implicado no escopo desse novo trabalho (muito mais abrangente do que a pesquisa empírica que naquele momento ainda pretendia levar adiante), percebi que, de certa maneira, Miriam Grossi tinha feito uma leitura precisa do meu desejo: eu estava sentindo que chegava a hora de elaborar um trabalho que pudesse ser o balanço das minhas experiências e inquietações acadêmicas e teóricas. Assim, numa mistura de entusiasmo e receio, debrucei-me sobre a nova tarefa que me desafiava.

O fato de estar vinculada a um doutorado interdisciplinar – o que me permitiu a oportunidade de novos diálogos e, talvez o mais importante, a *liberdade* sempre desejada de poder ir e vir entre os saberes e campos das ciências humanas<sup>7</sup> – não teve poucas conseqüências. Numa nova fase de leituras, pude redescobrir minhas próprias identificações com uma série de autoras e autores, não obstante as dificuldades características da carência de bibliotecas atualizadas nas universidades federais. No entanto, através de trocas com os/as colegas da linha de gênero do DICH e da minha assinatura da publicação norte-americana *Women's Review of Books*, dediquei-me a acompanhar o fértil desenvolvimento da teoria feminista dos anos 90 (particularmente das teóricas que publicam em língua inglesa), o que também muitas vezes me levou “de volta” a autoras da década de 80, com cuja obra eu tinha tido pouco contato. Foi o caso dos maravilhosos trabalhos de Susan Bordo e Teresa de Lauretis, dos quais ainda tinha

---

<sup>7</sup> A própria escolha da sociologia que fiz anos atrás, dentre as outras ciências sociais, se deu pelo fato de que ela me parecia possibilitar esse ir e vir entre os muitos campos que me fascinavam e entre os quais não queria ser obrigada a “optar”. Hoje, enfatizo como vantagem o caráter profundamente interdisciplinar da teoria feminista/estudos de gênero, proporcionado tanto por sua história – de reunião de esforços, com uma intencionalidade tanto *política quanto acadêmica*, que as estudiosas feministas vinham realizando desde o final dos anos 60, a partir de diversos lugares na academia – quanto pelo fato de “criar um novo objeto que não pertence a ninguém” (Barthes, *apud* Clifford, 1986).

pouco conhecimento, já que durante o tempo que fazia minha pós-graduação no Departamento de Sociologia da NYU lia-se relativamente pouco do que se produzia nas áreas de filosofia e teoria literária, embora tivesse essa oportunidade em algumas disciplinas que fiz questão de frequentar no Departamento de Humanidades.

Enquanto lia com muita atenção os trabalhos mais recentes de alguns autores da teoria social contemporânea estudados nas disciplinas do Doutorado Interdisciplinar, também tive novo encontro com a obra recente da socióloga Michèle Barrett<sup>8</sup>. Eu conhecia esta autora desde a época que ela se inseria no campo do “feminismo marxista”; seus trabalhos posteriores discutiam sua própria evolução e adesão à vertente dos “estudos culturais” no contexto das mudanças trazidas pela problematização pós-estruturalista do paradigma “racionalista” antes prevalecente na sociologia e na teoria social (cf. Barrett, 1999, p. 114). Da mesma forma, a leitura e discussão da obra de Jane Flax, feita junto com as professoras e doutorandos/as do DICH, também foi fundamental: inserida institucionalmente na área de teoria política, Flax faz uma abordagem da relação entre a teoria feminista, a filosofia pós-moderna e a psicanálise que me permitiu pensar com mais clareza a relação entre a sociologia e a teoria feminista, assim como sua inserção no vasto campo da teoria social contemporânea.<sup>9</sup> Já a leitura de livro recente da teórica feminista Lynne Segal<sup>10</sup> me permitiu repensar a evolução da teoria feminista entre os anos 70 e 90. Porém, talvez o maior impacto veio da leitura de uma obra da inglesa Rita Felski (1995), teórica feminista da área de crítica literária, cuja brilhante análise do discurso sociológico como “narrativa sobre a modernidade” se tornou fundamental para o desenvolvimento do meu trabalho, oferecendo-me uma nova forma de reler os clássicos e contemporâneos da sociologia e compreender melhor os mecanismos através dos quais eles tenderam a excluir ou marginalizar as experiências femininas. O trabalho de Felski também veio a confirmar quão frutífero pode ser “cruzar as fronteiras” que separam as disciplinas.

---

<sup>8</sup> Esse “reencontro” começou com um artigo de sua autoria traduzido para o português e publicado na *Revista de Estudos Feministas* (Barrett, 1999).

<sup>9</sup> Não podemos deixar de assinalar o enorme prazer que tivemos ao trazer Jane Flax ao Brasil, como conferencista do *II Encontro de Estudos de Gênero: Corpo, Sujeito, Poder*, realizado pelo Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR em outubro de 2001. Cf. também a revista realizada com ela (Adelman e Grossi, 2002).

<sup>10</sup> Uma resenha de minha autoria a respeito desse livro, *Why feminism? Gender, psychology, politics*, foi publicada na *Revista de Estudos Feministas* (cf. Adelman, 2000b).

Na medida que me debruçava sobre as obras dessas autoras, tentando entendê-las melhor e descobrir como poderia construir um novo diálogo entre elas e as obras “canônicas” da sociologia, outros autores se apresentavam, acrescentando-me idéias. Desde a primeira vez que preparei a disciplina de Sociologia Contemporânea, Foucault foi um autor que me parecia ter de ser incluído. Já com as discussões sobre subjetividade realizadas por teóricas feministas e sociólogos importantes como Anthony Giddens, reforçava-se também a necessidade de interlocução com a psicanálise. Por sua vez, Edward Said e Stuart Hall me levaram a refletir sobre a conexão entre o discurso feminista e os estudos pós-coloniais: na reflexão sobre como a teoria sociológica como “narrativa sobre a modernidade”, tinha de realizar uma abertura epistemológica – e um espaço no seu leque de conceitos – para as contribuições feitas a partir das *posições de sujeito* dos seus vários Outros. Interessei-me igualmente pela questão da separação entre antropologia e sociologia, do *status* atual dessa separação e da forma – atual e histórica – pela qual ambas as disciplinas se relacionam com aqueles Outros. Ao refletir sobre a história recente das disciplinas, os autores lidos por mim se referiam uma vez ou outra ao momento histórico (codificado no termo “anos 60”) no qual os Outros – mulheres, negros, homossexuais, não ocidentais etc. – conquistaram o direito de ser ouvidos e se tornaram, portanto, “novos sujeitos”. Como, então, poderia ser essa “Sociologia dos Novos Sujeitos” e qual a sua relação com a sociologia estabelecida como disciplina acadêmica legítima ao longo de um século?

Diante de todas essas reflexões e questões, o trabalho que ora apresento acabou por tomar o seguinte rumo: no primeiro capítulo, discuto o “contexto histórico” das mudanças teóricas que são meu objeto – os anos 60, com os movimentos sociais e as transformações culturais neles ocorridos. No segundo capítulo, tento especificar as repercussões mais imediatas desses movimentos no meio intelectual e acadêmico, ou seja, como eles conduziram a uma série de questionamentos e revisões, desde os debates sobre a *sociedade pós-industrial* e o destino das relações de classe “herdadas” do capitalismo clássico até as perspectivas que começavam a refletir mais diretamente as preocupações dos “novos sujeitos”. Por sua vez, esse capítulo abre espaço para uma discussão mais aprofundada, no terceiro capítulo, sobre a emergência da teoria feminista contemporânea. No quarto capítulo, estudo alguns autores consagrados da teoria social/sociologia contemporânea, realizando uma leitura de suas obras a partir da teoria feminista e tentando averiguar em que medida já se tem produzido um diálogo ou encontro entre perspectivas.

A questão central da minha indagação trata das formas pelas quais a contribuição feminista é recebida no campo disciplinar da sociologia – e, de maneira mais ampla, na teoria social. A partir do quarto capítulo, tento demonstrar que os canais de comunicação foram *apenas parcialmente abertos*. Procuo mostrar como a teoria social (e a sociologia, em particular) pode se enriquecer com uma incorporação mais plena tanto da perspectiva feminista quanto da contribuição advinda dos estudos pós-coloniais – o que, por sua vez, é a temática específica do quinto capítulo, intitulado “Reformulando as narrativas”. Exploro ainda, por meio de depoimentos e observações de algumas teóricas feministas, alguns dos mecanismos pelos quais a sociologia como disciplina tem resistido a um entrosamento mais pleno com a teoria feminista. Concluo que, apesar das resistências, é inegável que a teoria feminista conseguiu fazer uma contribuição fundamental para a ampliação do campo de visão da sociologia e seu discurso sobre *a modernidade*, e que a tendência da atualidade é de crescente reconhecimento desse fato. Contudo, também concluo que estamos ainda num momento não apenas de “diálogo” mas também de disputa teórica, e a incorporação de perspectivas que se formaram “por fora” do cânone requer boas estratégias teóricas e práticas.

Por fim, gostaria de acrescentar mais uma questão. Como disse acima, nos últimos tempos venho refletindo sobre como a psicanálise contribui para a compreensão *sociológica* da subjetividade. Penso que, apesar de aparentemente muito diferentes, tanto a contribuição psicanalítica quanto alguns dos *insights* da filosofia pós-moderna são necessárias (como Jane Flax argumenta de forma tão convincente) para reflexões mais profundas sobre o lugar *desde o qual pensamos*. O recém falecido sociólogo e psicanalista inglês, Ian Craib (1989; 2002) – que se dedicou durante muitos anos a estudar o encontro entre a sociologia e a psicanálise – insistia muito na premissa de que nossas resistências nunca são inocentes. Assim, cada um e uma de nós faria muito bem em pensar sobre sua própria “posição de sujeito” – não somente o lugar *social* desde o qual se fala, mas também, como Craib e a psicanalista e socióloga feminista Nancy Chodorow (1999) sugerem, o lugar singular que habitamos, na conjunção da experiência social e individual que nos produz igualmente como sujeitos *singulares*.

Acredito ter ficado evidente que este trabalho leva as marcas profundas da minha experiência e subjetividade, da minha própria posição num complexo de relações sociais e acadêmicas. Assim, ele representa minha leitura do mundo a partir de um “olhar feminista” e minha leitura crítica da sociologia contemporânea a partir da minha posição como feminista nascida nos anos 50

nos EUA – que, no entanto, passou a maior parte de sua vida adulta e “profissional” no México e no Brasil e, portanto, desenvolveu alguma vocação para a “tradução cultural”. Espero que dessas andanças e trocas tenha resultado um trabalho útil e reflexivo, embora certamente ainda restem algumas lacunas a ser revistas: por exemplo, meu menor trânsito pela literatura feminista de língua francesa (o que contribuiu para o recorte feito aqui), assim como o fato de estar deixando para outro momento uma reflexão mais específica sobre a produção feminista latino-americana.

Por outro lado, estou cada vez mais convencida de que, no mundo da academia, a produção de um saber crítico depende de atitudes reflexivas e abertas, do gosto de receber novos interlocutores e compartilhar as diferenças através do diálogo. Espero que este trabalho seja recebido, por um público de leitoras e leitores, exatamente nesse sentido: como um convite a novos diálogos, contribuindo assim para renovar o apaixonado espírito de troca entre pessoas e grupos diferentes que – como sugiro no primeiro capítulo – talvez seja a mais bela herança da rebelião cultural dos anos 60.

